



MERIDIANO – Revista de Geografía. número 3. 2014 – versión digital.

<http://www.revistameridiano.org/>

RESENHA

HARVEY, David. *Seventeen Contradictions and the End of Capitalism*. New York: Oxford University, 2014a. 336 p.

HARVEY, David. *Diecisiete contradicciones y el fin del capitalismo*. Traducción Juan Mari Madariaga. Quito: IAEN, 2014b. 296 p. Disponible en: <<http://www.cpalsocial.org/documentos/73.pdf>>. Acceso en: 2 nov. 2014.

A LÓGICA TURBULENTA DO CAPITAL: resenha do livro *Seventeen contradictions and the end of capitalism* de David HARVEYⁱ

Esteban Mercatante*

No princípio era a crise. Ali inicia *Dezessete contradições e o fim do capitalismo*ⁱⁱ, de David Harvey. Sua premissa supõe que o capitalismo não sobreviverá tal como era – si é que assim o faz – depois das ondas expansivas que segue produzindo a falência de Lehman Brothers em 2008. No curso da crise, “os desequilíbrios do capitalismo são confrontados, redesenhados e reconfigurados para criar uma nova versão do que gera ao capitalismo”

ⁱ Tradução feita por Nathan Belcavello de Oliveira de resenha publicada em *Ideas de Izquierda*: Revista de Política y Cultura, número 11, julio de 2014 (MERCATANTE, Esteban. La lógica turbulenta del capital. *Ideas de Izquierda*: Revista de Política y Cultura, Buenos Aires, n. 11, p. 30-32, jul. 2014. Disponível em: <http://ideasdeizquierda.org/wordpress/wp-content/uploads/2014/08/30_32_Mercatante.pdf>. Acesso em: 2 out. 2014). As notas inseridas pelo tradutor estão numeradas em algarismos romanos. As citações do livro de David Harvey estão traduzidas como Esteban Mercatante fez em sua resenha da versão em inglês, mas as referências de página correspondem a sua localização na versão em espanhol que tivemos acesso, referenciada como 2014b.

* Economista do Instituto del Pensamiento Socialista Karl Marx, membro do Comitê de Redação de *Ideas de Izquierda*: Revista de Política y Cultura.

ⁱⁱ Com tradução para o português prevista para 2015 pela Boitempo.

(HARVEY, 2014b, p. 11). As crises também alteram de maneira profunda as ideias, instituições e relações entre classes.

O peculiar da crise que atravessamos é que, já transcorrendo seu sexto, “deveria haver já diagnósticos concorrentes sobre o que está ruim e uma proliferação de proposta para remediá-la. É surpreendente a escassez de novas abordagens ou políticas” (HARVEY, 2014b, p. 12). As respostas até o momento caminham entre a intenção de manter a aprofundar as políticas neoliberais dos últimos 30 anos, ou um keynesianismo diluído, como pouca atenção – sublinha Harvey – na ênfase do economista britânico às políticas distributivas (ainda que desde a publicação do livro de Harvey o economista Thomas Piketty tenha criado um *best seller* dizendo respeito à desigualdade de renda e riqueza¹). Ambas linhas políticas seguem contribuindo ao enriquecimento dos super ricos, que continuam multiplicando suas fortunas desde a bancarrota de Lehman até hoje. A esquerda “tradicional” (partidos políticos e sindicatos) tão pouco mostra capacidade de fazer uma oposição sólida ao poder do capital e seus expoentes hoje aparecem concentrados em “manejar principalmente fora de qualquer canal institucional ou de oposição organizada, na esperança de que ações de pequena escala e ativismo local possam finalmente levar a alguma alternativa maior que seja satisfatória” (HARVEY, 2014b, p. 14).

É nesse contexto que Harvey apresenta seu livro e coloca em jogo uma vasta elaboração teórica a que se agrega *Os limites do capital* (HARVEY, 2013) *O enigma do capital* (HARVEY, 2011) e os estudos reunidos em *A produção capitalista do espaço* (HARVEY, 2005), para mencionar somente alguns. Este livro expõe com rigor uma visão integradora e uma exposição única das contradições que caracterizam o capital em sua forma atual.

A engrenagem econômica do capital em estado “puro”

O objeto de seu livro, previne-nos o autor, não será o capitalismo senão o capital. O que significa esta distinção? A capitalismo, o autor faz referência a qualquer formação na qual os processos de circulação e acumulação do capital que determinam domínio na configuração da vida social, em termos materiais e intelectuais. As contradições que perpassam o capitalismo não dizem respeito, algumas vezes, à acumulação do capital, como é o caso das

¹ Para uma leitura sobre o fenômeno Piketty e uma crítica a seus argumentos, ver Paula Bach (2014).

de gênero ou raciais. Ainda que “onipresentes no capitalismo, não são específicas à forma de circulação e acumulação que constitui a engrenagem econômica do capitalismo” (HARVEY, 2014b, p. 22). É esta engrenagem que constitui o centro da análise do autor. O tratamento da circulação e acumulação do capital como um “sistema fechado” leva a identificar suas principais contradições internas.

As contradições, no sentido proposto por Harvey, surgem “quando duas forças aparentemente opostas se encontram presentes simultaneamente em uma situação particular, em um ente, em um processo ou em um acontecimento” (HARVEY, 2014b, p. 17). Como indica o título do livro, o autor aborda 17 dessas contradições que caracterizam o capitalismo contemporâneo. Essas são organizadas em três níveis: sete contradições fundadoras, outras sete denominadas mutáveis e três perigosas. O primeiro grupo está ligado a funções básicas de funcionamento do sistema, invariáveis ao longo de sua história. A mais essencial das contradições constitui a relação entre valor de uso e de troca. Harvey escolhe tratá-la desde o que foi uma das expressões mais eloquentes desta contradição recentemente como a questão da moradia, que esteve no *core* do burburinho instalado em 2007. De maneira crescente, as necessidades são definidas e dominadas pelo valor de troca, já que o capital se encontra impulsionado permanentemente a incursionar em novas esferas da produção social: “Por isso, numerosas categorias de valores de uso que eram providas gratuitamente pelo Estado foram privatizadas e mercantilizadas – moradia, educação, saúde e serviços públicos seguiram esta direção em várias partes do mundo” (HARVEY, 2014b, p. 39).

Continua analisando a contradição entre o valor social e sua expressão necessária – segundo Marx – no dinheiro. Este permite que a polaridade da mercadoria entre valor de uso e valor possa ser implementada, facilitando a troca. Mas também cria as condições para que o centro da cena seja ocupado pelo crescimento infinito do valor, a acumulação. O dinheiro, “diferente do valor social que representa, é intrinsecamente apropriável por privados, [...] [e isso significa] que pode ser acumulado sem limite por eles” (HARVEY, 2014b, p. 66). O dinheiro de meio passa a fim e domina o processo social. A terceira contradição que o autor apresenta é entre a propriedade privada e o Estado capitalista, que é tanto fiador desta e de processos que são fundamentais para a reprodução do capital, mas que também defende interesses que vão além da lógica de acumulação, podendo criar contradições. A quarta contradição definida por Harvey, gerada entre a apropriação privada e o bem comum, remete a um aspecto chave para sua elaboração, desapropriação como fonte primária para a valorização do capital. A desapropriação não é outra coisa que a apropriação da riqueza comum por parte de agentes privados; contrariando as idílicas apresentações da economia

capitalista como uma baseada nos mercados e que gera valorização “por meio de trocas legalmente sancionadas [...], [o autor sustem que] existem fortes razões teóricas para considerar que uma economia baseada na desapropriação jaz no coração do que define fundamentalmente ao capital” (HARVEY, 2014b, p. 65-66). A “desapropriação” no lugar de trabalho é uma das vias, importante, mas não a única, por meio das quais se sustenta a apropriação privada da riqueza comum. Um dos aspectos por meio dos que ilustra isso é como a classe trabalhadora pode ser espoliada pelos proprietários fundiários, pelo sistema de crédito, pelas cadeias comerciais e pelos impostos, todas vias de apropriação da mais-valia.

Apoiando-se em estudo de Karl Polanyi (1980) em *A grande transformação*, Harvey assinala como a conversão do dinheiro, da terra e da força de trabalho (que em palavras de Polanyi “obviamente não são mercadorias”), que foram essenciais para o funcionamento do capitalismo, “apoia-se na violência, no engano, no roubo, na fraude e em meios similares” (HARVEY, 2014b, p. 69). Outra das contradições fundadoras, a que nos deteremos mais adiante, constitui a relação capital-trabalho. E, finalmente, o autor analisa a natureza contraditória do próprio capital e da unidade diferenciada que conformam produção e realização.

Se o primeiro grupo de contradições são “características constantes do capital, a qualquer tempo e lugar” (HARVEY, 2014b, p. 98), as contradições mutáveis têm como único elemento constante suas instabilidades e estão em continua mudança. Estas contradições se referem ao desenvolvimento da técnica e sua apropriação pelo capital, ao desenvolvimento desigual que o caracteriza e que adquire contornos específicos a cada momento, na relação contraditória entre monopólio e concorrência, nas disparidades de renda e riqueza e na dialética de liberação e domínio. A forma assume este conjunto de contradições, a cada momento determina mudanças significativas na estrutura do sistema capitalista, ainda que suas leis básicas permaneçam iguais. As respostas políticas, argumenta Harvey, devem partir de uma análise específica destas contradições no atual momento.

O último conjunto é as contradições que Harvey define como “perigosas”. Estão constituídas pela exigência do capital pelo crescimento composto (ou seja, acumulativo) sem fim, a relação do capital com a natureza e a “alienação universal”. As denomina como perigosas por contraposição às fatais, distinção que rebate a ideia de que o capitalismo irá colapsar pelo peso de suas contradições. Ainda que parte de uma prudente prevenção contra o fatalismo e destacando a necessidade de uma vontade consciente de superar o capitalismo, o autor superestima a capacidade de perpetuação do capital quando sustem que esse pode continuar funcionando indefinidamente “de maneira a provocar uma degradação progressiva

na Terra e empobrecimento em massa, incrementando de modo radical a desigualdade pela desumanização da maior parte da humanidade” (HARVEY, 2014b, p. 217), sustentado mediante a repressão estatal crescente.

A última das contradições perigosas é a alienação universal. Remete-se a diversas dimensões. “O trabalhador aliena legalmente o uso de sua força de trabalho durante um tempo ao capitalista em troca de um salário [...], o trabalhador se vê alienado do produto de seu labor, assim como está do restante dos trabalhadores [e] da natureza” (HARVEY, 2014b, p. 260). Esta carência e desapropriação “são experimentadas e internalizadas como um sentimento de perda e pena pela frustração dos instintos criativos” (HARVEY, 2014b, p. 260). O mal-estar generalizado que tende a criar a desapropriação generalizada em todas as ordens da vida, e que o capital tenta remeter ao impulso de um consumismo vazio, poderia chegar a se constituir em freio fatal à distopia que promete o capital como perspectiva, como última trava à perpetuação da engrenagem desenfreada da acumulação. A possibilidade de uma alternativa, não totalmente garantida, depende de uma revolta generalizada ante a alienação universal.

Um fim político sem meios de o alcançar

Creio, como o fazia Marx, que o futuro já está em boa medida presente no mundo que nos rodeia e que a inovação política (igualmente à inovação tecnológica) é capaz de reunir possibilidades existentes, mesmo que separadas de um modo diferente.

Apesar desta afirmação, diferentemente de Marx, Harvey não prefigura as vias pelas quais poderia ser possível a radical transformação pela que luta. Reconhece corretamente várias das debilidades que afligem hoje os movimentos de oposição anticapitalista, como a dificuldade para transcender a uma escala local, alcançando uma nacional (ou internacional). Também aponta corretamente que “não há uma resposta não contraditória à contradição” (HARVEY, 2014b, p. 271) e que qualquer iniciativa contra a “alienação universal” impõe ter presentes em conjunto as 17 contradições que o autor estuda ao longo do texto. Não pode haver um movimento emancipatório que só se proponha a intervir sobre algumas delas. Como encerramento ao livro, Harvey oferece como “guia para a *práxis* política” uma série de “mandatos” – 17 como resposta a cada uma das contradições comentadas em seu livro – que são como um programa “máximo” para uma sociedade não capitalista, que vão desde a

provisão direta de valores de uso para todos (moradia, educação, segurança alimentar) até a conformação de seres humanos não alienados, passando pela organização da produção por meio de produtores associados que decidam livremente o que, como e quanto produzir, em atendimento às necessidades sociais. Mas nos apresenta isto que é, como preferir, um fim político, sem especificar os meios pelos quais esse poderia ser alcançado. Isso é inseparável da carência de um agente que possa articular uma política que nos conduza a essa transformação de raiz a que aspira. Harvey propõe como horizonte um “humanismo revolucionário”. “A crença de que podemos, por meio do pensamento e da ação conscientes, mudar o mundo em que vivemos e a nós mesmos para melhor define a tradição humanista” (HARVEY, 2014b, p. 273).

O humanismo revolucionário, ao contrário do pretendido por Althusser (“o marxismo não é um humanismo”), “unifica o Marx de *O Capital* com o dos *Manuscritos econômico-filosóficos* de 1844 e dá uma flechada no coração das contradições que qualquer programa humanista deve estar disposto a abraçar se vai mudar o mundo” (HARVEY, 2014b, p. 278).

Porém, entre ambos textos, modera em Marx o desenvolvimento melhor acabado da perspectiva comunista, assim como a precisão dos contornos do sujeito capaz de a levar a cabo. Para Harvey, entretanto, seria errôneo atribuir lugar central ao proletariado. A contradição entre capital e trabalho é, sem dúvida, algo muito importante. Mas o autor critica a “tendência no pensamento de esquerda a privilegiar o mercado de trabalho e seu lugar como gêmeos principais da luta de classes [...] [, quando, em sua opinião,] existem outros terrenos de luta que podem ser de igual ou de mais imperiosa significação” (HARVEY, 2014b, p. 77).

Harvey enfatiza que a contradição entre capital e trabalho está estreitamente entrelaçada às restantes contradições do capital. Isso sem dúvida é assim. E tem razão em que qualquer transformação anticapitalista deve observá-las com o conjunto das contradições do capital. Todavia, ao descartar os aspectos que a distinguem dentro do conjunto de contradições, o autor termina apresentando um vasto conjunto de tensões que o capitalismo está obrigado a mover mais que a superar – “as contradições têm o desagradável hábito de não ser resolvidas, mas simplesmente substituídas” (HARVEY, 2014b, p. 19) – para continuar funcionando, mas sem encontrar um centro de gravidade que o quebre para construir outra sociedade alternativa.

Esta questão se encontra estritamente ligada ao papel que representa no esquema teórico de Harvey a acumulação por desapropriação. Em vários trabalhos indica que ela se tornou a forma dominante no capitalismo neoliberal, concedendo primazia às formas de valorização que transcendem a esfera da exploração no lugar de trabalho. Na realidade os

mecanismos de “desapropriação” desempenham um papel importante no enriquecimento da classe capitalista recentemente, porém esta característica acompanhou toda a história do capitalismo. Ernest Mandel (1982, p. 31), indicava em *O capitalismo tardio* que aquilo que caracteriza o desenvolvimento histórico do capitalismo estava configurado por “uma unidade dialética de três momentos”. A “acumulação de capital em andamento, no âmbito de processos de produção já capitalistas; [...] [a] acumulação primitiva de capital em andamento, fora do âmbito de processos de produção já capitalistas; [...] [e a] determinação e limitação do segundo momento pelo primeiro” (MANDEL, 1982, p. 31)ⁱⁱ. Tal determinação, que opera de distintas maneiras, é comprovada nas características que apresentou a acumulação do capital no último período. A financeirização descomedida, a multiplicação dos mecanismos de desapropriação devem sua origem às condições por meio que pôde o capitalismo recuperar a rentabilidade após a crise que pôs fim ao *boom* do pós-guerra.

Atacando as condições de trabalho, reestruturando e localizando a produção em países que se transformaram em plataformas manufatureiras, pôde impor uma linha decrescente aos salários e recuperar, assim, a rentabilidade, mas a custa de agravar as contradições no plano da valorização. Aqui é onde urge suas raízes o crescimento da valorização financeira e a pressão crescente para subordinar novas esferas na valorização. O capital sem dúvida se mostra inventivo em espoliar a força de trabalho de todas as maneiras possíveis e cria múltiplos terrenos para a resistência contra a espoliação. Mas o terreno laboral encerra uma potencialidade que outros não possuem para ameaçar um domínio central de todo o edifício de desapropriações que maneja o capital, como é o da força de trabalho, convertida em mercadoria.

Harvey indica corretamente que, no cruzamento entre capital e capitalismo, propõe-se a necessidade de “lutar contra toda outra forma de discriminação, opressão e repressão violenta no capitalismo como um todo [...] [e que, por isso,] é necessária claramente uma aliança de interesses” (HARVEY, 2014b, p. 288). Porém, justamente devido à contradição capital-trabalho não ser mais que uma das que caracterizam a este modo de produção, é que pode o proletariado, se se dotar de uma política hegemônica e não corporativa, atuar como articulador para esta aliança que pregoa. Em Harvey não existe base nem estratégia para esta aliança. Entre o horizonte não capitalista e as distopias das quais já encontra presentes vários elementos, só fica o vazio.

ⁱⁱ Originalmente citado em referência a Mandel (1979, p. 47).

A vibrante exposição do desenfreado avanço do capital substituindo suas contradições e aprofundando suas múltiplas alienações, que nos lembra a frase do *Manifesto comunista*, “todo o sólido se desvanece no ar” (MARX; ENGELS, 1999, p. 12)ⁱⁱⁱ, resulta, no entanto, em um grande estimulante a provocar o debate sobre a mesma.

ⁱⁱⁱ “Tudo que era sólido e estável se esfuma” (MARX; ENGELS, 1999, p. 12).

Referências bibliográficas

BACH, Paula. Sobre Thomas Piketty y la desigualdad como destino manifiesto. *Ideas de Izquierda: Revista de Política y Cultura*, n. 10, p. 28-31, jun. 2014. Disponible en: <http://ideasdeizquierda.org/wordpress/wp-content/uploads/2014/07/28_31_Bach.pdf>. Acceso en: 2 out. 2014.

HARVEY, David. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2005.

_____. *O enigma do Capital: e as crises do capitalismo*. Tradução de João Alexandre Peschanski. São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. *Os limites do capital*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Boitempo, 2013.

MANDEL, Ernest. *El capitalismo tardío*. México: Era, 1979.

_____. *O Capitalismo tardio*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto comunista*. [s.l.]: Ridendo Castigat Mores, 1999. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/manifestocomunista.pdf>>. Acesso em: 2 out. 2014.

POLANYI, Karl. *A grande transformação: as origens de nossa época*. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

